AS BRUXAS ESTÃO SOLTAS

Pioneiras da libertação da mulher, as bruxas medievais reaparecem hoje na pele de mulheres comuns: mães, profissionais de todas as áreas, jovens ou velhas, feias ou bonitas. Cruzamos com elas a todo instante, sem saber que trazem em si, de modo consciente ou inconsciente, a tradição matriarcal dos tempos da Grande Deusa Mãe, a Natureza, padroeira incontestável de todas as bruxas.

Por Luis Pellegrini

"Tchau, bruxinha!" Foi assim que minha amiga cumprimentou uma conhecida sua ao chegarmos numa reunião social. Observei a "bruxinha". Era uma mulher jovem, bonita e elegante. Soube depois que era casada e mãe de dois filhos. Perguntei a minha amiga por que chamara a outra de bruxinha. Ela respondeu sorrindo: "Todos a chamam assim porque ela estuda uma porção de bruxarias, tarô, astrologia. Ela é psicóloga de profissão."

Então são essas as bruxas de hoje? Se forem, o que fazer com a imagem convencional estereotipada que temos delas: mulheres más, velhas e feias, corcundas, voando montadas numa vassoura, ou diante de um caldeirão a cozinhar horríveis ingredientes com a intenção de produzir malefícios?

Esse episódio prosaico levou-me a muita reflexão. O que são, afinal, as bruxas? Por que, hoje, chamar de bruxa a mulher que se interessa por ocultismo e magia já não é um insulto e sim, muito mais, um elogio carinhoso? O que mudou, a natureza da bruxa ou, simplesmente, a visão que temos dela?

A investigação do assunto aponta respostas de dimensões insuspeitadas. Respostas que culminam, até onde pude alcançar, num dos mais importantes fenômenos do mundo



A bruxa convencional: velha, feia, corcunda e capaz de terríveis maldades.

moderno: a libertação da mulher, com sua decorrente luta pela reconstituição da real identidade feminina, e, como outra conseqüência, o surgimento de um novo movimento religioso de tipo matriarcal.

As bruxas, mulheres que trabalham com as leis e com as forças mágicas da natureza, tanto a natureza externa quanto a interna, existem provavelmente desde o tempo das cavernas. O objetivo fundamental da sua ação é o mesmo objetivo primordial da magia como um todo: produzir voluntariamente mudanças no mundo e em si mesmo. A atividade da bruxa é, portanto, uma atividade de poder. Já que se considera poderoso aquele que consegue modificar o estado das coisas, aquele que consegue agir de modo eficiente no sentido de transformar.

No decorrer de milênios de história, tanto nas civilizações do Ocidente quanto do Oriente, essas pessoas dotadas de poder desempenharam livremente o seu papel. Eram curandeiros, parteiras, sábios dos usos medicinais e mágicos das ervas, folhas, raízes, conhecedores dos mistérios da natureza, da vida e da morte. Eram também sacerdotes e sacerdotisas, profetisas, médiuns, que funcionavam como elementos de ligação entre os vivos e os mortos, entre os homens e os deuses. Detentoras dos segredos da terra e do céu, tais pessoas seriam vistas pela psicologia moderna como aquelas que podiam, a seu bel-prazer, estabelecer as tão ambicionadas pontes entre o consciente e o inconsciente, tanto em seu aspecto individual quanto coletivo.

No caso das bruxas, mulheres, seu trabalho estava conectado principalmente com o elemento terra, já que elas eram as herdeiras das antigas tradições dos tempos matriarcais, pré-cristãos, em que sobre a terra pontificava uma divindade feminina, a Grande Mãe Natureza, mais simplesmente conhecida e chamada A Deusa. Só depois aconteceu o advento dos sombrios tempos pa-



Madonna con Bambino/Perugino

Virgem Maria: modelo de mulher imposto pela tradição judaico-cristã.



Na Idade Média, o "crime de bruxaria" era punido com a morte na fogueira.


Prensa Três

Acusada de feitiçaria pela Inquisição, Joana D'Arc foi queimada viva.

triarcais, onde a divindade máxima é um deus masculino, feito à imagem e semelhança dos homens. Tempos onde os valores respeitados são aqueles inerentes à polaridade masculina, entre os quais podemos citar a honra, a valentia, a competitividade, o espírito de conquista. Tempos onde se assiste ao paulatino esmagamento dos valores inerentes à polaridade feminina, como são a receptividade, a adaptabilidade, a cooperação, a identificação com a natureza e suas leis. No decorrer da era patriarcal, as próprias mulheres são colocadas num plano muito inferior ao dos homens. Identificadas como causa e objeto do pecado pela tradição judaico-cristã, consideradas instrumentos do diabo para a perdição dos homens, para as mulheres só existe uma possibilidade de salvação: a integração com o arquétipo da Virgem Maria, mãe de Deus.

Durante a Idade Média européia, época caracterizada pela religião patriarcal cristã, todo o poder concentrava-se nas mãos dos homens. Em primeiro lugar vinha o deus masculino; em seguida seus representantes na terra – o papa e o rei com suas respectivas cortes; depois o senhor feudal; e por último o cidadão do sexo masculino. Às mulheres praticamente nada restava na repartição do poder. Quase escravas dos seus senhores, seus papéis sociais limitavam-se à posição de esposa e mãe, ou às profissões que reproduziam na sociedade esses mesmos papéis: enfermeiras, cozinheiras, parteiras. Podiam ainda ser religiosas (esposas de Cristo), ou prostitutas (esposas de todos os homens). Fora dessas opções quase nada mais havia.

Mesmo nessa situação asfixiante havia, no entanto, aquelas mulheres que se rebelavam contra a camisa-de-força patriarcal, e que procuravam escapar dela através de atitudes de libertação. Entre essas mulheres estavam as bruxas. Herdeiras, como já foi dito, da antiga tradição libertária dos tempos matriarcais, cuja memória consciente ou inconsciente ainda pulsava dentro delas, as bruxas passaram a fazer uso dos conhecimentos mágicos oriundos dessa tradição passada de mãe para filha, com o objetivo de conquistar e desenvolver poder. Tornaram-se realmente mulheres de conhecimento e poder, e sua presença logo começou a se destacar no meio da massa de mulheres reprimidas e esmagadas.

O poder patriarcal identificou nessas mulheres um perigo, uma ameaça, e reagiu. Como poderiam aqueles homens – por um lado, eles próprios prisioneiros dos papéis masculinos estereotipados que eram obrigados a representar e, por outro, pelos dogmas de uma igreja que dominava pelo terror – admitir a existência de mulheres mais livres e poderosas (no sentido mágico) do que eles próprios?

A ordem foi acabar com essas mulheres e, na onda terrível de perseguição que se seguiu, até alguns homens foram condenados à morte pelo mesmo "crime": a bruxaria. Mas, segundo as estatísticas, as mulheres constituíram cerca de 80% das vítimas.

Tribunais da Inquisição eclesiástica surgiram em toda parte nos países europeus e inclusive nas Américas do Norte e do Sul. Calcula-se que cerca de 60 mil mulheres foram queimadas vivas, entre os séculos 14 e 18. Um genocídio que, levando-se em conta a exigüidade da população naquela época, pode ser comparado ao massacre dos judeus pelos nazistas.

A acusação formal nesses julgamentos sumários era de heresia ou de pacto com o demônio. Mas, na verdade, bastava que o cidadão, principalmente se fosse mulher, se diferenciasse um pouco dos padrões estabelecidos pela moral e pelo senso comum, para ser jogado no braseiro. Joana D'Arc foi queimada porque queria ser guerreira; Giordano Bruno, por afirmar que a Terra não era o centro do universo. E os anais da Inquisição estão cheios de relatos inverossímeis para a mentali-

dade de hoje e que, no entanto, constituíram realidades. Existe, a título de exemplo, a história de uma mulher que não conseguia acordar durante a noite quando o marido a chamava. A infeliz foi parar num tribunal, denunciada pelo próprio marido, que a acusou de, durante o sono, abandonar o seu corpo em espírito para encontrar-se com o demônio. A mulher foi condenada e morreu na fogueira.

Dessa paranóia masculina, que na verdade encobre o grande medo da libertação da mulher, nasceu a imagem feia e negativa que até hoje conservamos das bruxas. Tal imagem, contudo, e como já vimos, passa por um rápido processo de transformação. No quadro do binômio crise do sistema patriarcal-ascensão e libertação da mulher – binômio que constitui uma das mais importantes e evidentes características do atual momento histórico – os valores essenciais da bruxaria estão renascendo e se desenvolvendo de modo acelerado. Várias centenas de livros, a maior parte deles recentemente escritos, dão conta do surgimento, na Europa e nos Estados Unidos, de um movimento religioso de características femininas nítidas (como é o caso da sacralização da natureza e suas funções).

Outro aspecto desse movimento são as suas conotações psicológicas. As bruxas modernas, articuladoras desse trabalho, estão usando a religião da natureza e os rituais mágicos como ferramentas psicológicas para a construção do poder individual. Elas praticam uma religião que coloca a divindade ou o poder sobrenatural *dentro* da pessoa. No sentido prático, transformam a religião em psicologia.

Nisso não existe, de fato, nada de novo. A antiga feitiçaria foi, provavelmente, a primeira religião teísta a conceber suas divindades prioritariamente como um conjunto interno de imagens e atitudes. Embora as bruxas de hoje se refiram com freqüência aos tempos matriarcais, muitas



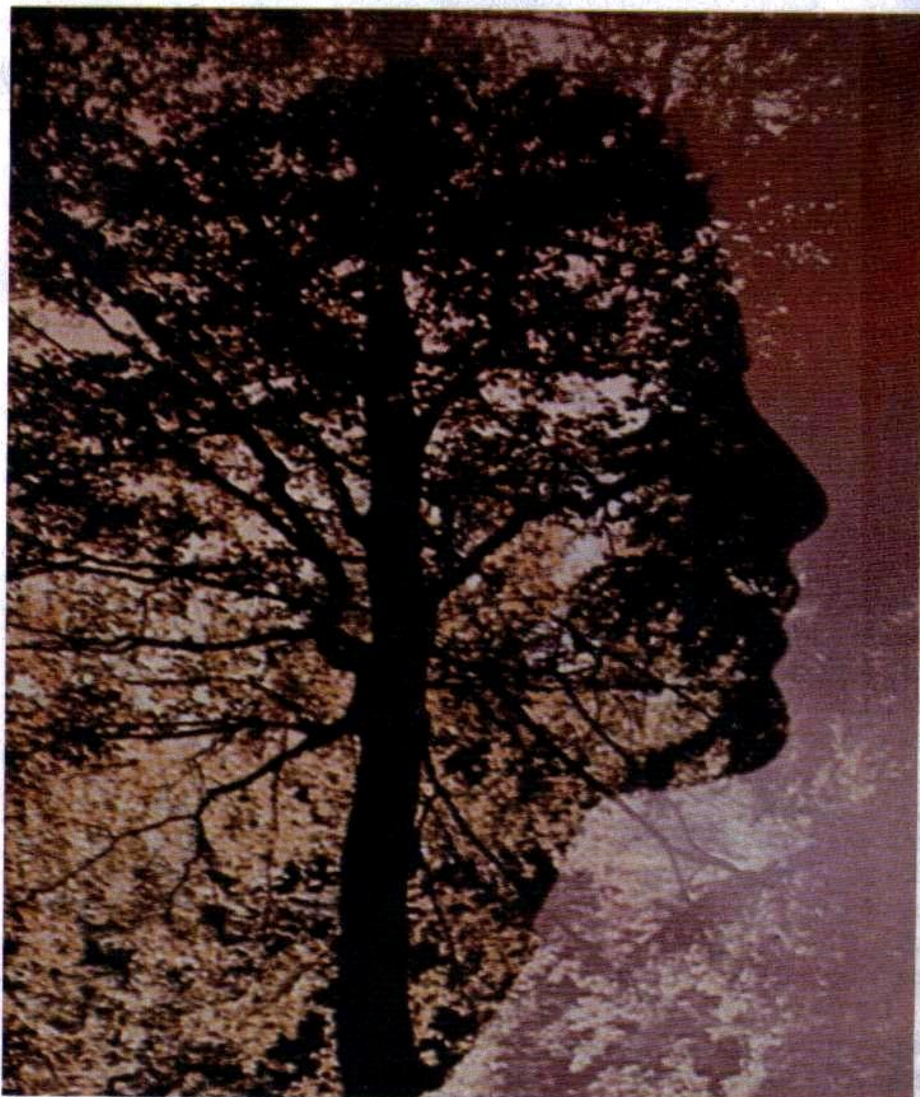
Bruno: condenado por contradizer a ciência.

delas estão mais preocupadas com o sentido psicológico desse conceito e com a sua força poética do que com a veracidade histórica do mesmo.

As analogias estreitas que podem ser estabelecidas entre a base e proposta essencial da religião das bruxas e a moderna psicologia são muitas. Entre tais semelhanças pode-se citar, por exemplo, a ênfase que ambas dão ao poder da imaginação, ao poder da vontade e à força da mente.

As bruxas consideram reais quaisquer pensamentos ou fantasias, acreditando que eles influenciam as ações no presente. Assim, um fato realmente ocorrido e uma fantasia inventada têm idêntico valor psicológico. A psicologia moderna tem essa mesma visão.

Na mente reside, para as bruxas, o poder de produzir mudança, o poder da transformação. E cada mudança, acreditam, começa pelo encorajamento de uma atitude psicológica favorável a ela. Para exemplifi-



Para a bruxa moderna, realidade e fantasia têm o mesmo valor psicológico.



A bola de cristal facilita o acesso às camadas mais profundas do inconsciente.

car, se você deseja mudar de profissão, comece por se imaginar no desempenho de uma outra atividade que lhe permita extrair dela prazer e entusiasmo.

Pelo fato de acreditarem que uma idéia deve viver na mente antes de viver no mundo, as bruxas atribuem grande importância à vida imaginativa. Por isso, as técnicas de estimulação e focalização da imaginação constituem a própria plataforma básica da magia, junto ao poder da vontade e a força da mente.

Artefatos utilizados pelas bruxas modernas, como a bola de cristal, espelhos mágicos, incenso, velas e jóias, são usados como meios de capturar e fixar a atenção para, em seguida, desencadear processos cognitivos sutis da mente.

Na bruxaria a vontade individual é sagrada. Depois de aprender a visualizar os seus desejos, a bruxa aplica o poder da sua vontade para trazê-los à realidade.

A única regra que restringe o jogo da vontade é de tipo ético: ela nunca deve ser usada com propósitos destrutivos. A regra de ouro da bruxaria é: "Faça tudo aquilo que quiser, até o ponto em que o seu querer comece a perturbar ou ferir os outros." O raciocínio que está por detrás dessa lei baseia-se muito mais num sentido de equilíbrio do que num ideal caridoso ou moralista. As bruxas acreditam que tudo aquilo que fazem produz efeitos que retornam a elas muito mais fortes do que a ação inicial. Fazer feitiços maléficos é, portanto, uma atividade muito perigosa, porque ao fazê-los a bruxa envolve-se com pensamentos destrutivos que podem repercutir sobre a sua própria vida.

Mas, por outro lado, se alguém praticar o mal contra uma bruxa, ela estará, devido a essa mesma lei, perfeitamente a salvo ao executar o seu ato de vingança. Usará, nesse caso, a própria energia negativa desencadeada pelo agressor, simplesmente devolvendo-a à origem.

As bruxas modernas estão soltas, livres e atuantes. Confundem-se a tal ponto com a mulher comum que sou tentado a dizer que toda mulher *pode* (e talvez *deva)* ser uma bruxa. São pessoas que entenderam que magia não precisa ser, necessariamente, uma atividade que envolva estranhas cerimônias feitas atrás de portas fechadas.

Magia é coisa tão natural quanto o ar que se respira, e o universo inteiro, dentro e fora de nós, vibra constantemente com o seu poder. A natureza é mágica, e o homem e a mulher, partes orgânicas do mundo natural, são também reservatórios do poder mágico.

O que há para se ler

As Sacerdotisas, Siane Stein; *Changing of the Gods*, Naomi Goldenberg; *Dreaming in the Dark*, Starhawk; *Lady of the Beasts*, Buffie Johnson; *O Cálice e a Espada*, Riane Eisler; *Return of Goddess*, Edward Whitmont; *She Lives!*, Judith Laura; *The Great Cosmic Mother*, Sjöo L. Mor; *The Witches' Goddess*, Janet Farrar; *Truth or Dare*, Starhawk.